



Estudo descritivo do tema *ambientalismo* segundo quem produz a notícia na área rural ribeirinha da capital amazonense: percentuais comparativos intergrupos¹

Renan Albuquerque RODRIGUES²

Andréia Mayumi NIIYAMA³

Centro Universitário do Norte – UNINORTE, Manaus, AM

Resumo

Partindo do princípio da análise de conteúdo em Comunicação Social, o artigo buscou descrever o percentual incidente dos diferentes discursos sobre o tema *ambientalismo* entre quatro grupos populacionais de duas comunidades rurais ribeirinhas de Manaus, AM. Como metodologia de pesquisa, utilizou-se o modelo sócio-histórico de investigação. A população investigada foi de 120 participantes, distintos em quatro grupos (n = 30): entre homens e mulheres, com tempo de estada a) de zero a quatro anos e b) de nove ou mais anos. Os resultados sugeriram a existência de diferenças significativas entre as populações, no que concerne ao entendimento do tema *ambientalismo*. Enfatizou-se ser papel da comunicação discutir essas diferentes nuances no universo midiático sobre a questão do meio ambiente na capital amazonense.

Palavras-chave

Comunicação social; meio ambiente; populações rurais da Amazônia

A Comunicação Social, enquanto subárea das ciências humanas, possui como finalidade analisar e ponderar a respeito dos discursos que são veiculados no cotidiano, ou seja, a respeito das representações sociais do cotidiano, tendo em vista transmitir informações de maneira equilibrada e coerente. Todavia, nem sempre esse papel é cumprido, apesar de sua fundamental importância para a sociedade. E o problema acontece de diversas formas, em diversos matizes, forçando implicações negativas. Entretanto, é no falseamento das representações sociais que a comunicação social envereda por seu caminho menos íntegro, enquanto disciplina que procura se firmar de modo teórico e metodológico. Trazendo essa problemática para o particular da

¹ Trabalho apresentado no GT – Mediações e Interfaces Comunicacionais, do Inovcom, evento componente do VII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte

² Professor, MSc em Psicologia Social (UFPB), e-mail: renanalbuquerque@hotmail.com

³ Professora especialista, e-mail: andréia.mayumi@gmail.com



Amazônia, pode-se suscitar com bastante propriedade que o meio ambiente amazônico, hoje, é um concreto exemplo do que foi enfatizado — a falta de similaridade entre as representações sociais de dada realidade e o discurso em comunicação social.

Por causa do ponto de vista a partir do qual é retratado, boa parte do que se refere ao tema ambientalismo é descrito em meio à uma “cortina de fumaça”. É crível suscitar que a mídia tem agido muito mais como propagadora de uma visão hermética e única acerca da questão ambientalista, em vez de servir de ferramenta de fomento junto à sociedade da noção de que há inúmeros vieses acerca do tema.

Em suma, a impressão difundida pelos meios de comunicação de massa (MCM) é que existe um só e grande conjunto aglutinador de visões sobre o tema, forjado pela opinião dominante. Os MCM tendem a divulgar, nesse sentido, muito mais informações embasadas sobre a visão do ecocentrismo, em detrimento à reconhecida notabilidade que a visão antropocentrista já galgou no meio social (Castro & Lima, 2001; Castro, 2003), inclusive com indicativos de que o entendimento eco/antropocentrista — aglutinador das duas tendências — é muito mais disseminado do que somente uma ou outra noção.

Partindo desse princípio, o objetivo foi explorar e descrever os vieses discursivos que existem acerca do ambientalismo aferindo o percentual incidente de quatro categorias de representações sociais já estipuladas — a saber: *ambientalismo*, *conscientização*, *lazer/ócio*, *trabalho* (Rodrigues, 2006) — entre quatro grupos populacionais das comunidades rurais ribeirinhas de Manaus. Daí em diante, sugerindo a existência desses vieses dentre a população, pode-se retomar a discussão sobre o papel dos MCM na divulgação latente da tendência ecocentrista em prejuízo ao entendimento eco/antropocentrismo no meio social.

O estudo foi dividido em três etapas:

a) Enfoque teórico: no primeiro momento, buscou-se descrever, segundo autores clássicos e contemporâneos, a maneira por meio da qual se compreende hoje a teoria das representações sociais (TRS). Em seguida, foram apontados vieses e interações da TRS com a comunicação social enquanto disciplinas teórico-metodológicas descritoras das intenções ambientalistas dos coletivos. Foi enfatizado o particular das comunidades amazônicas



b) Método: em seguida, apresentou-se a forma como a pesquisa foi dirigida aos comunitários rurais ribeirinhos de Manaus, a partir da ênfase no método apresentado neste artigo.

c) Resultados e discussão: a partir dos percentuais de incidência dos quatro discursos acerca do tema ambientalismo (RS do ambientalismo), suscitaram-se enfoques práticos que poderiam servir à comunicação social, auxiliando na divulgação de assuntos relacionados ao meio ambiente, sobretudo ao meio ambiente amazônico.

2. Enfoque teórico: sobre a teoria das representações sociais (TRS)

Uma corrente teórica iniciada em fins do século retrasado e muito difundida nos últimos cem anos, sobretudo por autores como Durkheim, Lévy-Bruhl, Piaget e Vygotsky (Moscovici, 2003), foi sistematizada e popularizada por um psicólogo francês, chamado Moscovici (1961). Antes denominada de estudos de representações coletivas, tal qual análises dos últimos 150 anos, essa corrente teórica foi rebatizada, ganhando o título de teoria das representações sociais (TRS).

A TRS busca discutir a noção de homem individualizado e homem contextualizado, insinuando caminhos para se compreender a fusão entre o social e o pessoal e deliberando contra a dualidade do indivíduo frente aos coletivos, sobre a qual muito já se discutiu ao longo dos últimos 40 anos, desde que Moscovici (1961) pretendeu analisar os diferentes discursos produzidos por diferentes grupos políticos e ideológicos sobre a psicanálise.

Os estudos em representações sociais entrelaçam a visão psicossociológica (homem/sociedade) à sua funcionalidade. A teoria parte para a estimativa referente ao porquê de se descrever o mundo não apenas enquanto um conjunto de individualizações fragmentadas e pulverizadas, mas sim como uma realidade em que existe a possibilidade dessa superação da dicotomia eu/coletivo. Em suma, “as representações sociais podem ser definidas como uma visão de mundo que permite aos indivíduos e coletivos dar um sentido às suas condutas e compreender a realidade” (Catão & Coutinho, 2003, p. 190).

Para operacionalizar as análises em torno desse objetivo, referente ao quesito homem individualizado e homem coletivo, a TRS busca assentar-se sobre três pilares: a informação de um ser ou grupo sobre um objeto social, a imagem formada a partir da informação gerada sobre o objeto social apreendido, e as atitudes tomadas frente ao que



se apresenta. A formação das representações sociais não acontece, entretanto, de forma estanque. Pelo contrário. É nos processo de objetivação (transformação de elementos abstratos em elementos concretos) e ancoragem (incorporação de novos elementos àqueles já familiarizados). Por ser uma interpretação complexa da realidade, que se assenta, em geral, sobre assuntos que geram polêmica ou suscitam entendimentos ambíguos, ela sugere uma formação contínua, moldada pelos contrastes que integram cada um dos indivíduos em sua coletividade. É a interação e o compartilhamento intergrupar da realidade que formam as representações sociais, sendo por meio dessa noção que as populações agem para transformar e mudar o mundo. Portanto, informação, imagem e atitude variam de intensidade e grau entre si, sem obedecer rigorosamente a uma lógica direta de acontecimento. Mas, acentua-se, essa variação faz parte das evoluções e involuções percebidas nas sociedades.

Assim, historicamente, a TRS vem sendo utilizada para descrever como diferentes sociedades compreender sua realidade e qual a relação entre as transformações que são efetuadas junto ao meio social e a visão de mundo das populações que nele habitam e se inter-relacionam.

Diante de sua importância, nos anos 80, o conceito de representações sociais se intensificou (Jodelet, 1985; Jodelet, 1989) e passou a servir de referência para pesquisadores das áreas antropológica, sociológica, comunicacional e da psicologia social, situando-se também como corrente de pensamento bastante usada para explorar e descrever concepções humanas sobre o meio ambiente (Reigota, 2001).

Nesse indicativo, seqüencialmente note-se de que maneira as RS tendem a se interligar com a problemática do ambientalismo, tema aqui compreendido como sendo a propensão que um indivíduo ou grupo possui em bem se relacionar com o seu meio ambiente natural (ver Rouquette et al., 2005).

TRS, comunicação social e meio ambiente: problemas comuns a três

Recente pesquisa realizada nas comunidades rurais ribeirinhas de Manaus (Rodrigues, 2006) apontou a existência de quatro fatores semânticos indicativos das representações sociais acerca do tema ambientalismo. Eles foram denominados de: a) *conscientização*, b) *lazer/ócio*, c) *trabalho* e d) *identificação com a terra*. Dois deles (*conscientização* e *lazer/ócio*) sugeriram como dominadora a visão ecocentrista — guiada pela intenção de preservação ambiental. Os demais (*identificação com a terra* e



trabalho) indicaram a visão eco/antropocentrista — guiada pela intenção de preservação ambiental a partir da necessidade de sobrevivência humana. Em contraposição a essa análise, outra perspectiva (Leis, 1999; Nascimento, 2002) sugere que a difusão de informações sobre o *ambientalismo* na sociedade contemporânea evoluiu de tal maneira que esse tema passou a ser tratado pela mídia de modo hermético e, por isso, “a proposta política do *ambientalismo* não encontrou lugar na modernidade” (Nascimento, 2002, p. 169).

Nesse contexto, tem-se duas visões correspondentes. Uma, que sugere a existência de múltiplos fatores eco/antropocêntricos na formação sócio-histórica das populações rurais ribeirinhas de Manaus em relação à questão do *ambientalismo*; outra, que destaca a mídia como propagadora de visões herméticas sobre o mesmo tema. Ou seja, duas posições que apontam para um mesmo problema: o caso da mídia enquanto fomentadora de discursos ambientalistas que não encontram eco no cotidiano da realidade social — sobretudo da realidade social da população rural ribeirinha de Manaus.

No entanto, o fato da Comunicação Social não conseguir retratar de forma condizente o que os discursos ambientalistas de uma dada sociedade indicam cristaliza-se, sobretudo, devido à proliferação de errôneos indicadores psicossociológicos, que não auxiliam na diminuição do fosso existente entre o discurso real (formado pelas representações sociais intergrupos) e o discurso midiático (muitas das vezes compilado pela grande imprensa a partir somente de opiniões individuais).

Em suma, o que deveria acontecer é exatamente o contrário da atual prática da conveniência comunicacional (Biroli, 2004), cuja especificidade enfoca métodos de análise e incidência discursiva entre camadas populacionais de modo incoerente (Bardin, 1977). Isso sugere que a necessidade tida pela comunicação social de transmitir informações rápidas e precisas acaba agindo em contraposição à realidade. Não por conta da rapidez, mas devido à falta de coesão na abordagem — e no particular, na abordagem sobre o ambientalismo.

Assim, é forçoso ressaltar que a teoria das representações sociais (TRS) pode se apresentar como proposta de análise das intenções ecológicas ou ambientais da população, servindo de indicador psicossociológico à Comunicação Social (Doise et al., 1992), tendo em vista que a compreensão dos processos sócio-cognitivos de formação das representações sociais perpassa por duas questões: a objetivação, via transformação



de elementos abstratos em elementos concretos; e a ancoragem, via inserção de novos elementos abstratos a partir da biblioteca de protótipos da mente (Moscovici, 1976). A suposição não é gratuita, pois nessa direção já caminharam autores em numerosas pesquisas, segundo literatura disponível (Moscovici, 1994; Sauv e, 1998; Garnier & Sauv e, 1999; Rouquette et al., 2005). E se s o nos discursos sobre ambientalismo ou meio ambiente que se percebe o vi s comunicacional abarcado pelos coletivos, como ressaltam as correntes portuguesa e francesa do tema (Castro, 2002; Moscovici, 2002), pode-se suscitar que o indicativo das representa es sociais tende a ser uma ferramenta de aferi o importante para a comunica o social.

Outro exemplo do uso das RS para medir tend ncias e equil brios comunicacionais acerca da realidade ambiental — o indicativo de an lise deste artigo — entretanto utilizando question rios fechados, encontra-se em Dunlap (1993). A hoje validada escala HEP-NEP de inten es ecol gicas mant m-se atual, tendo sido, inclusive, utilizada por Castro em pesquisas rec m levadas a cabo com a popula o portuguesa, sobre, justamente, as inten es dos lusitanos acerca do meio ambiente (Castro, 2003). Resgatando de forma hist rica, a formula o da HEP-NEP ocorreu h  30 anos, no in cio da pioneira atividade de medir inten es ambientais, mediante a jun o de tr s aferi es psicometricamente respeit veis: a) Escala de atitudes Ecol gicas (Maloney et al., 1973); b) Escala de Preocupa o Ambiental (Wiegel & Wiegel, 1978); e c) e Escala NEP - New Environmental Paradigm (Dunlap & Van Liere, 1978). Com os di logos entre teorias sendo alargados, a fus o n o tardou, e hoje o que mais se utiliza   a escala HEP-NEP mediada pelas representa es sociais da popula o. A meta, com essa intersec o, foi ajustar as medi es psicom tricas  s RS pr prias   cada realidade comunicacional.

No mesmo  mbito, sobre o uso das RS para aferi o das inclina es ecol gicas dos coletivos via discursos comunicacionais, n o que Moscovici, Sauv e e Castro, por exemplo, sejam pesquisadores inclinados   rejei o de question rios fechados de aferi es ambientais, todavia estes s o autores cujas suas aten es s o voltadas, sobretudo,  s TRS, e a investiga es e abordagens por meio de quest es semi-estruturadas. E esse indicativo n o diminui a confiabilidade dessas pesquisas. Pois j  existiram an lises cl ssicas que abarcaram as perspectivas de medi es via question rios fechados e ainda solicitaram o direito de discriminar representa es sociais em percentuais e  ndices de concord ncia foram: a) da organiza o interna dos



coletivos – Grupo de Midi (Abriç, 1989); e da b) problemática dos princípios organizadores da sociedade – Escola de Genebra (Doise et al., 1992). Todavia, em geral é razoável estabelecer que não se pode falar em separações de estudos entre avaliadores da realidade social ambiental via escalas de medidas e estudiosos dessa mesma proposta via TRS. O que há é uma associação interdisciplinar.

Avançando no debate teórico, e afora a questão qualitativa ou quantitativa, ou ainda a inserção quali/quantí, atualmente, abarcando as preocupações clássicas da RS com a comunicação e com o meio, visões reconhecidas de Catão (*In* Coutinho, 2003) apontam que há núcleos a) informacionais e b) de imagem, os quais funcionam como suportes primordiais para as c) atitudes — os quais já citados em 2.1. A pesquisadora, assimilando afirmativa histórica de Moscovici (1976), suscita que essas três unidades perfazem o conjunto tridimensional que sustenta no tempo e no espaço as representações sociais enquanto aglutinadoras das perspectivas comunicativas.

Ou seja, a comunicação, nesse contexto, é uma das três unidades básicas que formam as RS. A sugestão de Catão partiu, para isso, de questionamentos sobre o tema exclusão/inclusão social e projetos de vida e conseguiu apresentar medições condizentes com o que supôs para seu trabalho (2001). Todavia, de modo amplo, pode-se enfatizar que a autora — mesmo sem justificar posições sobre o meio ambiente natural — coaduna com os pensamentos dos seus antecedentes históricos, os quais, em diversos estudos, aglutinam posições sobre os temas TRS, comunicação social e ambientalismo.

Diante do exposto, em seguida é descrito o método como foram captados os vieses discursivos que existem na zona rural ribeirinha de Manaus, acerca do *ambientalismo*.

Método

Locais

As comunidades rurais ribeirinhas de Nossa Senhora de Fátima e Nossa Senhora do Livramento estão situadas, respectivamente, a 7,5km e 7,9km da orla da zona norte, na capital amazonense. Em sentido lato, essas localidades são como ilhas populacionais pertencentes a Manaus, banhadas pelo rio Negro.

Fátima e Livramento se situam às margens do Igarapé Tarumã-Mirim, na costa esquerda da bacia do Rio Negro, cerca de 20 minutos atravessando o rio de canoa motorizada ou 1h de canoa a remo, a partir da margem norte da cidade de Manaus, ou



aproximadamente 1h e 30 minutos pela estrada rodoviária. Nos locais, moram 180 famílias (Livramento) e 210 famílias (Fátima), com 886 e 1.050 habitantes, respectivamente (IBGE, 2002).

Participantes

O estudo foi realizado a partir da definição de quatro grupos populacionais distintos, em um total de 120 pessoas. A distribuição foi definida a partir de dois fatores. 1) sexo e 2) tempo de residência nas comunidades. Os respondentes foram separados em: a) homens que residiam há, no máximo, quatro anos nas comunidades; b) homens que residiam há, no mínimo, nove anos nas comunidades; c) mulheres que residiam há, no máximo, quatro anos nas comunidades; e d) mulheres que residiam há, no mínimo, nove anos nas comunidades.

Instrumento

O questionário aplicado foi constituído de cinco questões objetivas, cada uma delas com quatro opções de respostas. O instrumento foi aplicado de forma individual, servindo para verificar a disseminação de atributos já estipulados anteriormente (Rodrigues, 2006). A disseminação dos atributos *Identificação com a terra*, *Trabalho*, *Lazer/Ócio* e *Conscientização* foi verificada por meio de fatoração, sendo que os participantes opinaram sem saber que iriam selecionar os atributos com os quais mais ou menos concordavam, tendo em vista uma melhor fidelidade para a pesquisa. Assim, os colaboradores auxiliaram na descrição da angulação de cada atributo no seio social de Fátima e Livramento.

Resultados e discussão: indicativos por população

1) Na população M9+, os quatro diferentes discursos acerca do tema *ambientalismo* ficaram distribuídos conforme destaque a seguir.

Na primeira área rural (Fátima), foram 19 pessoas entrevistadas, abarcando um percentual de 63% dos 30 questionários; na segunda (Livramento), houve 11 participantes, com 37% de percentual do total dessas inquisições. As faixas etárias ficaram assim distribuídas: 2 participantes com 19 anos (6,67%); 10 participantes entre 20 e 29 anos (33,33%); 3 participantes entre 30 e 39 anos (10%); 7 participantes entre 40 e 49 anos (23,33%); 3 participantes entre 50 e 59 anos (10%); e 5 participantes entre 60 e 69 (16,67%). Quanto às 150 perguntas (cinco em cada um dos 30 questionários) que denotaram a divisão por categorias, as subdivisões em percentual mostraram que o



público feminino deu preferência a: 1º *conscientização* (38,6%), 2º *lazer/ócio* (24%), 3º *trabalho* (21,3%) e 4º *identificação* (16,1%). Ou seja, os quatro discursos imanentes a partir das representações sociais do *ambientalismo* — mediante estudo já realizado — incidiram em populações M9+ dessa forma.

Esmiuçando a análise, foi visto:

a) O atributo menos disseminado nas representações sociais do *ambientalismo*, na distinta população, foi *identificação com a terra*. Conforme resultados, a categoria tendeu a ser citada mediante sua relação indireta com a importância dos meios de produção, pois foi o atributo *trabalho*, de índice constante em Fátima e intermitente em Livramento, o que apareceu com mais proximidade proporcional de citações na avaliação do questionário. Sendo que a faixa etária do público com constância nas respostas referentes a *trabalho* oscilou entre jovens adultos (22-32 anos) e adultos (44-49 anos), prioritariamente em Fátima, e com intervalo nas respostas entre idosos (55-65 anos) em Fátima e Livramento. b) Invertendo os pólos, a categoria *conscientização* foi a mais disseminada, o que sugeriu serem as representações sociais em Fátima e Livramento ou muito bem intencionadas e refletoras de uma educação ambiental condizente com a realidade das comunidades rurais ou mecanizadas pelo discurso oficial e, por isso, induzidas ao falseio.

2) No que tange aos índices dos questionários aplicados ao público masculino que reside há nove ou mais anos nas comunidades (H9+), as considerações são (H9+):

Nas áreas de Fátima e Livramento, a distinção percentual dos questionários foi de 12 (40%) e 18 (60%), respectivamente. A distribuição incidente por quantidade de respostas ficou assim: 6 participantes entre 16 e 18 anos (20%); 5 participantes entre 19 e 29 anos (16,67%); 4 participantes entre 30 e 39 anos (13,33%); 4 participantes entre 40 e 49 anos (13,33%); 5 participantes entre 50 e 59 anos (16,67%); 4 participantes entre 60 e 69 anos (13,33%); e 2 participantes entre 70 e 79 (6,67%). Na fatoração das 150 perguntas regulares, totalizadoras dos 30 questionários, as subdivisões por percentual acentuaram a ênfase do público masculino em: 1º *conscientização* (32%), 2º *trabalho* (26%), 3º *identificação* (22,67%) e 4º *lazer/ócio* (19,33%). Sendo de tal maneira, estas foram as incidências dos diferentes discursos sobre o tema *ambientalismo*



entre quatro grupos populacionais de duas comunidades rurais ribeirinhas de Manaus, a partir de pesquisa anterior em RS.

Enfatizando casos particulares, foi obtido:

a) O termo *conscientização* novamente como o mais disseminado. Porém, nessa população, ele surgiu seguido do atributo *trabalho*, apontando a idéia de que a introdução no mundo laboral pudesse ter alguma influência sobre o entendimento do grupo masculino no que tange ao meio ambiente. Assim, diferente do que ocorreu na variante do público feminino, nessa população o atributo *trabalho* pôde ser vinculado ao item *conscientização*. Todavia, há um único ponto de ressalva quanto ao assunto: o antagonismo *conscientização/trabalho* foi visualizado em todas as faixas etárias do público feminino e somente nos homens com idade oscilante entre 16 e 38 anos, sendo pouco significativo o resultado nesta última população. Mas, mesmo assim, não se pôde afirmar que o antagonismo inexistiu. Ele apareceu, sim. Entretanto, apenas em poucas proporções e em um público de determinada faixa etária. b) O atributo *lazer/ócio*, em segundo lugar no *ranking* anterior de influências disseminadas nas relações pessoa-ambiente em Fátima e Livramento, acabou sendo o menos citado nas estatísticas comparativas dessa população. Para interpretar a baixa, foi crível trazer à baila que quando se analisou a mesma resposta entre os públicos M9+ e H9+ notou-se uma diferença na quantidade de citações entre as populações de 4,7% (24% ante 19,3%). Essa divergência, óbvia percentualmente, não forneceu provas de que em meio aos resultados obtidos pudessem existir causas endógenas para novas angulações de constructos. Perante tal dificuldade, houve margem para intuir que os atributos *lazer/ócio* e *trabalho* podiam ser dependentes de uma função temporal atenuante ou estimulante, o que modificaria os sentidos de tempo pró-labore e tempo de descanso para os comunitários de Fátima e Livramento. E assim a sugestão ocorreu. Tanto que, por esse conduto, os atributos *lazer/ócio* e *trabalho* sobre a relação pessoa-ambiente tendem a ser entendidos como vulneráveis às condições histórico-culturais, cedendo lugar à idéia de que tanto aquilo que pôde ser interpretado como lazer também tendeu a ter conotação de atividade de trabalho. Por exemplo, a população M9+ tendeu a delimitar como *lazer/ócio* as mesmas ações ou atos cotidianos que o público H9+ apontou serem *trabalho*. E essa dicotomia de influências foi importante no contexto da



pesquisa, tendo em vista que indicou diferenças de um mesmo conceito entre opiniões de populações diversas.

3) Em voga os índices dos questionários ministrados ao público feminino residente, no máximo, há quatro anos nas comunidades rurais ribeirinhas de Fátima e Livramento (M0-4).

Nas áreas de Nossa Senhora de Fátima e Nossa Senhora do Livramento, a distinção percentual na distribuição dos questionários foi de 11 (36%) e 19 (63%), respectivamente. A subdivisão por percentagem diante do número total de respostas dos entrevistados estabeleceu-se em: 13 participantes entre 17 e 29 anos (43,33%); 5 participantes entre 30 e 39 anos (16,67%); 5 participantes entre 40 e 49 anos (16,67%); 4 participantes entre 50 e 59 anos (13,33%); 3 participantes entre 60 e 69 anos (10%). Na faturação das 150 perguntas regulares, totalizadoras dos 30 questionários, as subdivisões por percentual acentuaram a ênfase do público feminino em: 1º *conscientização* (40%), 2º *lazer/ócio* (26,89%), 3º *identificação* (20,6%), *trabalho* (12,41%). Nesse contexto, assim foram determinados os percentuais incidentes dos discursos acerca do tema *ambientalismo* nas duas populações aferidas, segundo estudo anterior em RS.

Foi notabilizado que:

a) O público de jovens e jovens adultos foi o que mais influenciou nos números finais na população M0-4, principalmente no que tange ao atributo *conscientização*, cujo índice de intenção ficou em 46% do total de respostas do público entre 17 e 29 anos de idade. No entanto, o alinhamento do discurso com o atributo *conscientização* pôde ser entendido como conseqüência de uma construção de pensamento que em verdade tende muito mais a ser oriunda da realidade urbana. A possibilidade desse viés foi verificada como uma sugestão efetiva, pois entre os respondentes do questionário muitos afirmaram que foram morar em Fátima ou Livramento depois de anos vivendo na capital amazonense ou em áreas urbanas de municípios do interior do Amazonas. Assim, naturalmente, percebeu-se que grande parte de suas representações sociais do *ambientalismo* não poderiam ser direcionadas a linhas de condutos muito diferentes. Inclusive, uma outra faixa etária também teve destaque de mesma ordem, a do público

entre 40 e 49 anos de idade, que reservou 25,8% do total de suas respostas para o mesmo quesito. b) No comparativo dos índices entre as populações M0-4 e M9+, os atributos *conscientização* e *lazer/ócio* foram levemente mais citados pelo primeiro grupo (40% ante 38,66% para *conscientização*; e 26,89% ante 24% para *lazer/ócio*). Sobre o predicado *identificação* a alta foi menor ainda (indo de 20% para 20,6%). O atributo *trabalho*, por outro lado, despencou (baixando de 21,3% para 12,41%), e ficou sendo o mais significativo item na comparação estipulada, pois as outras três categorias oscilaram dentro da margem de erro de 2,89%. Por este caminho, novamente a subjeção de que a atividade produtiva poderia incentivar o desenvolvimento da noção de *ambientalismo* e conscientização tornou-se caracteristicamente inverídica. O distanciamento dos índices para o predicado *trabalho* (40% ante 12,41%) reforçou essa possibilidade.

4) Na seqüência, os resultados dos questionários ministrados ao público masculino residente, no máximo, há quatro anos nas comunidades rurais ribeirinhas de Nossa Senhora de Fátima e Nossa Senhora do Livramento (H0-4).

Em Fátima e Livramento, a distinção percentual na distribuição dos questionários foi de 17 (56,67%) e 13 (43,33%), respectivamente. A subdivisão por percentagem diante do número total de respostas dos entrevistados foi de: 6 participantes entre 16 e 29 anos (20%); 8 participantes entre 30 e 39 anos (26,67%); 6 participantes entre 40 e 49 anos (20%); 7 participantes entre 50 e 59 anos (23,33%); 2 participantes entre 60 e 69 anos (6,67%); e 1 participante entre 70 e 79 anos (3,33%). O percentual de disseminação dos atributos foi de: 1º *conscientização* (38,67%), 2º *trabalho* (26,33%), 3º *lazer/ócio* (22,66%) e 4º *identificação* (12,33%), de acordo com incidência dos diferentes discursos sobre o tema *ambientalismo* entre quatro grupos populacionais de duas comunidades rurais ribeirinhas de Manaus, a partir de pesquisa anterior em RS.

Esmiuçando o tema:

a) Entre os homens com 0-4 anos de moradia em Fátima e Livramento a propensão maior de ações pró-ambientalismo foi voltada aos quesitos *conscientização*, *trabalho* e *lazer/ócio*, sendo estes de tal maneira influentes no universo das representações sociais de Fátima e Livramento. Conforme disseminação das respostas



de H0-4, foi percebida a diminuta incidência de citações para *identificação*. De acordo com análise fatorial de 150 respostas das 30 pessoas, a natureza, para H0-4, é assimilada como terra a ser subsumida, utilizada em comum acordo e aproveitada de modo vário. b) Além do mais, a baixa angulação nas identificações forneceu subsídios que devem ser objetivamente tratados, devido sua inerência à questão do *ambientalismo* nas comunidades rurais. Eles foram relatados como sendo positivos ou negativos.

Negativos (-).

a) A não-identificação tende a dar margem à manipulação do meio ambiente de modo diversificado, afetando a biodiversidade do espaço rural; b) a não-identificação pode dificultar a implantação de programas de educação ambiental; e c) a falta de identidade com a terra tende a afetar os modos de produção na comunidade.

Positivos (+).

a) A identificação pode auxiliar no diálogo entre grupos de trabalhadores, no que concerne aos modelos extrativistas utilizados; b) a identificação também tende a contribuir na aceitação da proposta de sustentabilidade; e c) ampliar o debate social intergrupos nas comunidades rurais ribeirinhas.

Indicativo geral

Nota-se de maneira clara que os discursos populares, cunhados pela sociedade segundo populações aferidas, incidem de maneira diferente entre as próprias populações, conforme cada parcela social especificada. Assim, é crível supor que a Comunicação Social também tende a se disseminar a partir de indicativos similares, enquanto fonte reprodutora de informações, de modo não linear. Essa perspectiva foi almejada, como hipótese neste artigo, para que fosse sugerida a existência de uma profusão de vises acerca do tema *ambientalismo*, assim como também deve existir a mesma profusão no concernente a outros temas. E como se verificou a hipótese, o que se solicitou a partir do resultado do presente estudo foi, sobretudo, a notabilidade para o “caldo” emergente de configurações mútuas e diversas das narrativas.

Ainda referente à discussão sobre os resultados, nota-se que as distribuições das representações sociais do *ambientalismo* entre as quatro populações se distanciam do pressuposto dual entre antropocentrismo e ecocentrismo (Diegues, 1998). Essa divisão



remeteria os grupos a serem a) ou direcionados somente para o *ambientalismo* b) ou a serem apenas avessos à idéia da natureza preservada. Por outro lado, a análise dos dados partiu do pressuposto de que, atualmente, ser anti-ecologista é amoral, e portanto as respostas que poderiam surgir e seriam aferidas sem ter sido mediadas por esse pressuposto estariam neutralizadas. Assim, como foi tomada essa precaução a partir da medição via questionários pré-estipulados, os problemas que poderiam surgir, de dualidade, por exemplo, não foram percebidos.

Assim, em suma, é importante frisar que a comunicação social não busque retratar apenas um sentido único para questões relacionadas ao *ambientalismo*, sobretudo no Amazonas, onde existe uma tácita polêmica sobre o tema. Como se especificou por meio dos percentuais incidentes dos discursos ambientalistas entre as quatro populações problematizadas, as representações sociais sobre a questão não podem ser justificadas pela mídia a partir de visões unicistas, mas sim conjunturais. E é nessa conjuntura de opiniões, de casos específicos e de indicativos discursivos que a mídia pode mergulhar sua análise e retirar bons e importantes exemplos de como tratar o *ambientalismo*: com diversidade. Todavia, o estudo levado a cabo somente insinuou a suposição, sem, de modo algum, procurar estabelecer emblemas comunicacionais para as representações sociais do *ambientalismo* na Amazônia.

Referências bibliográficas

ABRIC, J. C. (1989). **Pratiques sociales et representations**. Paris: Presses Universitaires de France. In SAUVÉ, L. (1998-99). Apport de la théorie des représentations sociales à l'éducation relative à l'environnement: conditions pour un design de recherche. *Revue Éducation Relative à L'Environnement*, vol. 1, p. 65-77.

BARDIN, L. (1977) **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro, São Paulo, Martins Fontes.

BIROLI, Flávia. (2004). **Jornalismo, democracia e golpe: a crise de 1955 nas páginas do Correio da Manhã e de O Estado de S. Paulo**. *Rev. Sociol. Polit.*, nº.22, p.87-99. ISSN 0104-4478.

CASTRO, P. & LIMA, L. (2001). **Old and new ideas about the environment and science: an exploratory study**. *Environment and Behavior*, 33, 400-423.

CASTRO, P. (2002). **Natureza, ciência e retórica na construção social da idéia de ambiente**. In ROUQUETTE, M. L., SAUTKINA, E., CASTRO, P., FÉLONNEAU, M. L. & GUILLOU-MICHEL, E. (2005). Social representations theory and environmental studies. *Journal of Community & Applied Psychology*, ed. 14, p. 108-115.



CASTRO, P. (2003). **Pensar a natureza e o ambiente: alguns contributos a partir da Teoria das Representações Sociais.** *Estudos de Psicologia (Lisboa, Portugal)*, p. 263-271.

CATÃO, M. F. M. (2001) – **Projeto de vida em construção na exclusão / inserção social.** João Pessoa. Ed. Universitária.

CATÃO, M. F. M. F. & COUTINHO, M. P. L. In COUTINHO, M. P. L., LIMA, A. S. (2003). & col. **Representações Sociais: abordagem interdisciplinar** – João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB.

DIEGUES, A. C. (1998). **O mito moderno da natureza intocada.** 2 ed. São Paulo, Hucitec.

DOISE, W. (1982). **L'Explication en Psychologie Sociale.** Paris, PUF.

DOISE, W., CLEMENCE, A., & LORENZI-CIOLDI, F. (1992). **Représentations sociales et analyses de donnés.** Grenoble: Press Universitaires de Grenoble. In COUTINHO, M. P. L., LIMA, A. S. (2003). & col. **Representações Sociais: abordagem interdisciplinar** – João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB.

DUNLAP, R. E. (1993). From environmental to ecological problems. In CASTRO, P. (2003). **Pensar a natureza e o ambiente: alguns contributos a partir da Teoria das Representações Sociais.** *Estudos de Psicologia (Lisboa, Portugal)*, p. 263-271.

JODELET, D. (1985). **La representación social: fenómenos, concepto y teoría.** In MOSCOVICI, S. *Psicología social.* Buenos Aires: Paidós.

JODELET, D. (1989). **Les représentations sociales.** Paris: Presses Universitaires de France.

LEIS, H. R. (1994). **A modernidade insustentável: as críticas do ambientalismo à sociedade contemporânea.** Petrópolis, Vozes, Santa Catarina.

MALONEY, M. P., WARD, M. P. & BRAUCHT, G. N. (1975). **Psychology in action: a revised scale for the measurement of ecological attitudes and knowledge.**

MOSCOVICI, S. (1961). **La psychanalyse, son image et son public.** Paris: Presses Universitaires de France.

MOSCOVICI, S. (2003). **Representações sociais: investigações em psicologia social.** Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes.

REIGOTA, M. (2001). **Meio ambiente e representação social.** 4ª ed., São Paulo, Cortez. (Série Questões de Nossa Época ; v. 41).

RODRIGUES, R. A. (2006) **As representações sociais do conceito de ambientalismo ou preservação ambiental: os casos de Fátima e Livramento.** *Revista Somanlu de Estudos Amazônicos.* Amazonas, Editora da Universidade Federal do Amazonas.

ROUQUETTE, M. L., SAUTKINA, E., CASTRO, P., FÉLONNEAU, M. L. & GUILLOU-MICHEL, E. (2005). **Social representations theory and environmental studies.** *Journal of Community & Applied Psychology*, ed. 14, p. 108-115.

NASCIMENTO, I. R. (2002). **A sociedade contemporânea e o ambientalismo.** *Revista Intertextos.* Amazonas, Editora da Universidade Federal do Amazonas.